

EPISTEMOLOGIA E DIDÁTICA: REFLEXÕES SOBRE AS DIFICULDADES PARA O ESTABELECIMENTO DO OBJETO EPISTÊMICO DA DIDÁTICA DIANTE DE CRITÉRIOS EPISTEMOLÓGICOS CIENTIFICISTAS

Pedro Jonatas da Silva Chaves ¹
Maria Marina Dias Cavalcante ²

RESUMO

O presente texto tem como objetivo compreender as dificuldades para o estabelecimento do objeto epistêmico da Didática diante de critérios epistemológicos cientificistas. Para atingir o objetivo proposto, a metodologia de pesquisa foi fundamentada no método hermenêutico-dialético, com abordagem qualitativa de natureza teórica e procedimento bibliográfico. Os resultados apontam que nessa busca pelo estatuto científico da Didática ocorrem dois erros: O primeiro consiste na identificação que os critérios epistemológicos que se propõem a julgar as ciências humanas são os mesmos que regem as ciências da natureza, fato motivado principalmente por uma atração pela objetividade científica. O segundo erro consiste em insistir na interdisciplinaridade como uma forma de superar a insegurança epistemológica. Conclui-se que a justificação da Didática, através de critérios epistemológicos cientificistas ou fundamentado em ciências duras, sempre será uma busca desnecessária e sem fim.

Palavras-chave: Didática, Ensino, Epistemologia.

INTRODUÇÃO

Sob a sentença “lugar de criança é na escola” que a sociedade moderna estabelece a necessidade de cada cidadão passar pela educação formal. Ou seja, a criança como um ser frágil e moldável, necessita da proteção e intervenção do Estado durante o seu processo de desenvolvimento físico, moral e intelectual. A não frequência da criança numa escola formal passa a ser um crime amparado por Lei, embora, aqueles que tiveram esse direito negado e que se encontram fora da faixa etária do ensino fundamental e médio, podem recuperar na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA.

Essa preocupação é justificada mediante afirmação que a educação formal visa assimilação dos conhecimentos humanos acumulados historicamente com o objetivo de formar seres sociais através do desenvolvimento físico e intelectual dos alunos. Para isso os meios utilizados são instrução e ensino, que podem ser definidos da seguinte maneira:

¹ Mestrando do Curso de Educação da Universidade Estadual do Ceará - UECE, pedrojonatas_sc@hotmail.com;

² Doutora pelo Curso de Educação da Universidade Federal do Ceará- UFC, maria.marina@uece.br;

A instrução se refere ao processo e ao resultado da assimilação sólida de conhecimentos sistematizados e ao desenvolvimento de capacidades cognitivas. O núcleo da instrução são os conteúdos das matérias. O ensino consiste no planejamento, organização, direção e avaliação da atividade didática, concretizando as tarefas da instrução; o ensino inclui tanto o trabalho do professor (magistério) como a direção da atividade de estudo dos alunos (LIBÂNEO, 2013, p. 54).

Resumindo, a instrução visa a formação intelectual e o desenvolvimento das capacidades cognoscitivas mediante o domínio de certo nível de conhecimentos sistematizados. Por sua vez, o ensino, além de conter a instrução, pressupõe uma intenção ou resultado no objetivo almejado a quem se submete ao processo. Dessa forma, é possível conceituar ensino da seguinte forma:

O ensino é uma atividade profissional complexa que exige preparo, compromisso e responsabilidade do educador para instrumentalizar, política e tecnicamente, o aluno, ajudando-o a constituir-se como sujeito social. Ensinar para a compreensão significa a existência de uma estreita relação entre professor e aluno. É um processo de caráter sistemático, intencional e flexível, visando à obtenção de determinados resultados (VEIGA, 2012, p. 160).

Some-se a isto, a organização de todo o trabalho pedagógico para que a aprendizagem ocorra, a saber: objetivo políticos e pedagógico, currículo, métodos, técnicas, recursos e avaliação. Essa organização, seleção dos conteúdos, organização das atividades e recursos, como também avaliações, são os meios que o professor busca a fim de gerar a aprendizagem dos alunos. De forma imprescindível, ainda é possível identificar um conceito muito importante na busca por definir a categoria ensino: reduzir a distância da classe popular em relação a ciência. Como assegura Libâneo,

ensinar é ajudar o aluno a captar o caminho do pensamento científico e dos processos de investigação da ciência ensinada. Quando estão aprendendo, os alunos percorrem o mesmo caminho do cientista. O aluno aprende os conteúdos aprendendo os procedimentos com os quais se trabalha na matéria (2008, p. 15-16).

O que Libâneo evidencia é que a escola não pode oferecer apenas uma formação cultural, profissional e cidadã, precisa de forma complementar ofertar uma formação científica que possibilite uma atuação dos alunos de forma autônoma e crítica em todas as dimensões da sociedade. Conseqüentemente, essa formação possibilitará que os alunos

possam participar ativamente nas tomadas de decisões que definirão os rumos da sociedade que vivem. Diante disso, Libâneo (2011a, p. 25-27) irá propor um conjunto de objetivos para uma educação escolar: a) preparação para o mundo do trabalho; b) formação para a cidadania crítica; c) preparação para a participação social; e d) formação ética.

As propostas pedagógicas de Freire, assim como identificado em Libâneo, buscam constituir a autonomia do sujeito, significando que o processo de ensino deve “[...] levar em conta necessariamente tanto a vocação ontológica do homem (vocação de ser sujeito) quanto as condições nas quais ele vive (contexto)”. (MIZUKAMI, 1986, p. 86). Isto indica que uma educação emancipatória deve levar sempre em consideração a situação concreta de cada sujeito, pois somente assim o cidadão terá consciência para tentar mudar a tradicional sociedade que busca constantemente ajustar os indivíduos dentro do seu sistema produtivo.

Em uma linguagem marxiana, a proposta freireana busca ajudar o homem no processo de libertação do estado de alienação. Ou seja, o que Freire buscou fazer, além de se distanciar de uma educação mecânica, foi propor a passagem da “mentalidade ingênua” para uma “mentalidade crítica” ao mesmo tempo em que alfabetiza de forma criativa. (FREIRE, 2011, p. 136). Assim, Paulo Freire propõe uma educação problematizadora engajada numa prática transformadora. É importante perceber que essa transformação não afeta apenas aos alunos, professores também são beneficiados por um outro modo de compreender e viver a realidade, pois, como afirma Pimenta (2014, p. 17),

O ensino é uma prática social complexa. Realizado por seres humanos entre seres humano, o ensino é transformado pela ação e relação entre os sujeitos (professores e estudantes) situados em contextos diversos: institucionais, culturais, espaciais, temporais, sociais. Por sua vez, dialeticamente transforma os sujeitos envolvidos nesse processo.

Diante disso, é possível perceber que o ensino é uma prática social complexa, sendo a Didática um campo da Pedagogia que fundamenta teoricamente o ensino e a aprendizagem. Assim, a partir das revisões de literatura e fundamentação teórica, buscarei responder o seguinte problema: Quais as dificuldades para o estabelecimento do objeto epistêmico da Didática diante que critérios epistemológicos cientificistas? As respostas para o problema ajudarão na busca pela análise sobre o que é a Didática. Logo, o artigo tem como objetivo geral do estudo: Compreender as dificuldades para o estabelecimento do objeto epistêmico da Didática diante que critérios epistemológicos cientificistas.

Alguns fatores que instigaram a elaboração deste texto foi perceber uma certa ênfase demasiada na formação política em detrimento da formação pedagógica, partindo muitas

vezes dos próprios centros de formações de professores ou dos próprios alunos. Isso forma uma geração de pedagogos diplomados desviados para outras ciências, como a sociologia, política, antropologia ou filosofia, e esquecidos de sua própria ciência. Outro fator que destaque é que os problemas da escola não são apenas políticos, mas são também de natureza teórica. Alguns estudantes e pesquisadores consideram que apenas os problemas políticos impedem o estabelecimento de uma escola de qualidade. Com isso, gastam todas as suas energias em discussões e pesquisas sobre a macro política, esquecendo de perceber que os problemas políticos não podem justificar a falta de preparo dos docentes.

METODOLOGIA

Para atingir os objetivos propostos, a metodologia de pesquisa foi fundamentada no método hermenêutico-dialético, pois compreendo que os métodos podem estabelecer relações devido ao fato que um não elimina o outro. Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa de natureza teórica e procedimento bibliográfico. Cabe aqui ressaltar que os resultados de uma pesquisa de natureza teórica e procedimentos bibliográficos também pode ter implicações e aplicações práticas.

Esta abordagem também deixa o objeto de pesquisa aberto para novas formas de compreendê-lo, pois o objetivo não é produzir um arsenal de informações, embora se tenha o propósito de produzir outras reflexões acerca da problemática. Isso devido ao fato de que será levado em consideração o universo de significados do objeto que será analisado de modo prévio visando não cair no erro de reduzir algo que é variável.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Didática, como área de estudo da Pedagogia, consiste em teoria como expressão da prática pedagógica. Ou seja, a Didática é uma teoria que parte da prática e seus resultados possuem implicações também práticas, como é possível compreender na afirmação de Pimenta (2015, p. 89-90):

Ao estudar o ensino como fenômeno complexo e prática social, a didática busca compreender o ensino em situação, suas funções sociais, suas implicações mais amplas; realizar ação auto-reflexiva como componente do fenômeno que estuda, (porque é parte integrante da trama do ensinar); assim, a didática, como parte do evento ensino, ajuda a criar respostas novas assumindo ao mesmo tempo um caráter explicativo, compreensivo e

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

projetivo, sobre a natureza do ensino, seus problemas e suas causas, suas consequências, suas possibilidades e seus limites na construção do humano.

Por outro lado, essa concepção, acentuada por Pimenta, trata-se de uma compreensão atual acerca da Didática, pois, como ainda será destacado nesse texto, a ciência é uma construção histórica que sofre influência da sociedade vigente e do ideário de ser humano. Neste sentido, quando é observado o percurso da Didática na história da educação brasileira, é possível perceber que sua identidade sempre esteve relacionada ao momento histórico e, conseqüentemente, pedagógico do país, como por exemplo a Pedagogia Tradicional, a Pedagogia Escolanovista, a Pedagogia Tecnicista e as Pedagogias Críticas.

Uma minuciosa busca por conceituar a Didática levará o pesquisador a perceber no mínimo três tipos de Didática: Didática como ciência; Didática como componente curricular; e Didática da ação profissional. Sem a pretensão de descrever como a Didática se apresenta sob a influências das tendências pedagógicas, e suas distinções, será identificado apenas algumas conceituações acerca dessa área de conhecimento. A primeira definição por hora apresentada será de Piletti (2007, p. 42-43):

Já sabemos que a Didática é uma disciplina técnica e que tem como objeto específico a técnica de ensino (direção técnica da aprendizagem). A Didática, portanto, estuda a técnica de ensino em todos os seus aspectos práticos e operacionais, podendo ser definida como: “A técnica de estimular, dirigir e encaminhar, no decurso da aprendizagem, a formação do homem”.

Essa definição feita por Piletti, encaixa-se com a perspectiva da Didática chamada por Candu (2014) de instrumental. De acordo com a autora, esse tipo de Didática concentra-se no “como fazer” como uma forma neutra e universal, esquecendo-se dos demais aspectos do trabalho pedagógico. Por sua vez, Lima (2011, p. 97) define a Didática da seguinte forma:

O objetivo da Didática é promover a reflexão sobre a docência, tendo a prática com ponto de chegada e de partida, na constante busca do desenvolvimento de um trabalho que alie o conhecimento científico e o conhecimento pedagógico, em uma determinada área de conhecimento.

Na definição de Lima destaca-se, dentre outras coisas, a compreensão que a Didática não é uma área de conhecimento abstrata que busca estabelecer um processo onde a teoria norteia a prática, na verdade, a Didática, na compreensão da autora, é uma ciência que inicia sua reflexão a partir de uma observação da prática e os resultados da reflexão teórica possuem implicações também práticas, estabelecendo um processo prática-teoria-prática.

Na busca por conceituar a Didática não poderia faltar as contribuições de Libâneo, teórico da educação que tem se dedicado diversas pesquisas sobre o assunto. Num primeiro momento, Libâneo conceituará Didática da seguinte forma:

A Didática é o principal ramo de estudos da Pedagogia. Ela investiga os fundamentos, condições e modos de realização da instrução e do ensino. A ela cabe converter objetivos sociopolíticos e pedagógicos em objetivos de ensino, selecionar conteúdos e métodos em função desses objetivos, estabelecer os vínculos entre ensino e aprendizagem, tendo em vista o desenvolvimento das capacidades mentais dos alunos (LIBÂNEO, 2013, p. 25).

Num segundo momento, Libâneo vai precisar a Didática da seguinte maneira:

A didática tem como objeto de estudo o processo de ensino na sua globalidade, isto é, suas finalidades sociopedagógicas, princípios, condições e meios de direção e organização do ensino e da aprendizagem, pelos quais se assegura a mediação docente de objetivos, conteúdos, métodos, em vista da efetivação da assimilação consciente de conhecimentos. Nesse sentido, define-se como direção do processo de ensinar, no qual estão envolvidos, articuladamente, fins imediatos (instrutivos) e mediatos (formativos) e procedimentos adequados ao ensino e à aprendizagem. Ou seja, a atividade teórica e a atividade prática que se unificam na práxis de quem ensina (LIBÂNEO, 2011b, p. 132).

E por último, num texto mais atual, o autor elucidará a Didática do seguinte modo:

A didática tem como especificidade epistemológica o processo instrucional que orienta e assegura a unidade entre o aprender e o ensinar na relação com um saber, em situações contextualizadas, nas quais o aluno é orientado em sua atividade autônoma pelos adultos ou colegas, para apropriar-se dos produtos da experiência humana na cultura e na ciência, visando o desenvolvimento humano (LIBÂNEO, 2015, p. 51).

É possível perceber que as três definições apresentadas possuem uma consonância: a Didática é um ramo da Pedagogia responsável por mediar o ensino dos conhecimentos sistematizados e a aprendizagem dos alunos, de acordo com as finalidades educacionais.

Outra teórica profícua na área da Didática é Pimenta, que terá sua descrição sobre essa ciência a seguir:

A Didática é uma área de estudos da Ciência da Educação (Pedagogia), que, assim como esta, possui um caráter prático (práxis). Seu objeto de estudo específico é a problemática de ensino, enquanto prática de educação, é o estudo do ensino em situação, ou seja, no qual a aprendizagem é a

intencionalidade almejada, no qual os sujeitos imediatamente envolvidos (professor aluno) e suas realções (o trabalho com o conhecimento) são estudados nas suas determinações histórico-sociais (PIMENTA, 2011, p. 74).

Num texto mais recente, Pimenta sublinha a Didática da seguinte forma:

A Didática é área epistemológica, com estatuto e objeto próprios que tem por finalidade fundamentar os processos de ensino e de aprendizagem compreendendo-os como práxis de inclusão social e de emancipação humana e política. Por isso, constitui área disciplinar, por excelência, na formação de professores, com potencial para ressignificar o processo de formação docente, concebendo-a como área da Pedagogia, que tem o ensino e aprendizagem, historicamente situados, como objeto de preocupação (PIMENTA, 2015, p. 82).

Observa-se que Pimenta compreende a Didática como uma ciência prática, epistemologicamente assegurada, que tem no ensino situado no tempo e no espaço seu objeto de estudo, ao mesmo tempo que fundamenta esse ensino.

Para finalizar essa apresentação conceitual da Didática, será descrito como Farias; et. al. definem a Didática:

A Didática como área de estudo da Pedagogia tem como objeto nuclear o ensino em situação, compreendido como prática educativa intencional, estruturada e dirigida a outros. Trata-se de um conhecimento pedagógico fundamental à ação do professor e que extrapola o caráter aplicado. Seu estudo abrange a problematização, o entendimento e a sistematização de questões relacionadas à docência, articulando objetivos, conteúdos, metodologias e avaliação do ensino à reflexão sobre a identidade profissional, a dimensão ética do trabalho do professor, os conhecimentos necessários à prática educativa, entre outras pautas. Dizemos, pois, que a Didática é teoria e prática do ensino, conjugando fins e meios, propósitos e ações, objetivos, conteúdo e forma (FARIAS; et. al, 2014, p. 18).

De acordo com as autoras, o ensino não é prática orientada pela Didática, visto que participa do processo ações políticas, administrativas, econômicas e culturais contextualizadas. Assim, a Didática é uma ciência fundamental para o trabalho pedagógico, embora para além de um mero guia procedimental.

Diante dos conceitos apresentados, é possível definir a Didática como uma subárea da Pedagogia, embora com estatuto científico e epistemológico bem definidos e próprios, que tem como objeto de estudo o ensino como prática social complexa, onde investiga os fundamentos, modos e finalidades dos processos educativos visando a aprendizagem. É preciso agora compreender esse estatuto científico e epistemológico atribuídos a Didática.

O termo epistemologia significa, etimologicamente, o discurso (logos) sobre a ciência/conhecimento (episteme), que, de acordo com Paviani (2013, p. 11-12), “consiste nos pressupostos do conhecimento científico, no exame das justificações do conhecimento, nos critérios da demarcação científica do conhecimento”. Por sua vez, Libâneo (2010) afirma que epistemologia “é o estudo crítico e histórico dos princípios, hipóteses e resultados das diversas ciências”. Por fim, Therrien entende que a epistemologia

estuda de modo crítico o método científico, as formas lógicas e os raciocínios da ciência na elaboração dos postulados e das hipóteses sobre as quais os cientistas elaboram suas teorias. Esse campo científico constitui um pilar para a análise das teorias construídas historicamente por cientistas ou autores de referência com o objetivo de explicar ou compreender um fenômeno e os elementos que legitimam sua estrutura. A crítica epistemológica permite delimitar os quadros teóricos desvelando seus contornos e limites na totalidade que pretendem cercar, identificando a sua incompletude em relação a esta. Seu objetivo é avaliar a pertinência de um processo científico e seus limites (2014, p. 7).

Diante das definições apresentadas, é possível concluir que a epistemologia, como área da filosofia, estuda os sentidos, razões, lógicas, princípios, hipóteses e resultados das diversas ciências, embora, não as particularidades estudadas pela própria ciência. Portanto, a epistemologia analisa a ontologia da ciência/conhecimento (episteme), que diferencia-se do senso-comum (doxa) e da sabedoria (sofia).

De acordo com Castañon (2007, p.7), “estudar epistemologia é estudar o que faz de um tipo específico de conhecimento uma forma mais segura de conhecer aspectos de nossa realidade”. A realidade é extrínseca a reflexão humana, pois para existir algo não precisa ser criado ou catalogado previamente. Assim, conhecimento é uma crença justificada sobre algum tipo de objeto ou fenômeno da realidade, onde, nesse processo de concordância ou não, é possível definir o que é verdadeiro ou falso. Entretanto, é preciso enfatizar que “verdadeiro ou falso, são atributos que se aplicam a declarações acerca da realidade” (CASTAÑON, 2007, p.8). Ou seja, quando existem duas declarações acerca de algo real, não existem duas verdades, o que existe são duas hipóteses. A verdade é sempre a realidade. Como sintetiza Castañon,

realidade é o que existe independentemente de nossas mentes. Verdade, num sentido ideal, é o conjunto das declarações acerca do real que correspondem linguisticamente a este. Conhecimento, é o conjunto das crenças acerca do real que acreditamos serem verdadeiras por serem justificadas por um método demonstrativo ou de teste. Finalmente, hipótese é uma crença acerca do real que não foi submetida a um processo de justificação. (2007, p.10).

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

Apesar da ciência moderna possuir um certo prestígio no ocidente, é preciso reconhecer que existem diferentes tipos de conhecimento, tais como o senso-comum, o filosófico, o religioso e o científico. Sendo fiel a etimologia do termo ciência, que significa “saber” ou “conhecimento”, é possível dizer que existem diferentes modos de fazer ciência e, conseqüentemente, de interpretar/compreender/explicar a realidade. Logo, existem diversas tendências epistemológicas, como por exemplo a metafísica, o positivismo, a fenomenologia e o materialismo histórico-dialético.

Paradoxalmente, o estabelecimento de uma ciência é uma construção histórica, pois os critérios que avaliam sua validade são distintos nas diferentes épocas e sociedades. Também, os esquemas gerais de investigação devem ser determinados ou validados pelos participantes do campo científico, que podem receber a denominação de especialistas. Dessa forma,

fazer ciência – ou produzir um conhecimento que passe pelos dispositivos que essa forma de produção intelectual demanda – é depara-se com uma estrutura exploratória já pronta e com possibilidades analíticas previamente enquadradas em sistemas lineares, procedimentais, e que atuam mediante etapas consideradas intrinsecamente coerentes devido ao seu uso contínuo e historicizado” (ROLT, 2011, p. 436).

Como já foi dito, a ciência é uma construção histórica, e por isso, sofre constantes revisões e modificações no seu *modus operandi*³. Por isso, alguns caçadores positivistas procuram acusar certas ciências sob alegação de “falta” de rigor científico e metodológico, esquecendo que a ciência moderna não pode impor de forma ininterrupta um conhecimento cristalizado e universal. Como afirma Rolt (2011, p. 439),

não se pode dar as costas ao fato de que os conceitos – aos quais associaríamos as diversas teorias científicas e a própria epistemologia – são unidades de linguagem em desenvolvimento e, portanto, em transformação. E tudo que se transforma traz em seu âmago o gene da ruptura e da contingência, o que nos leva a trazer para o centro do nosso debate uma premissa fundamental da filosofia de Nietzsche, a qual estabelece que não há fatos, há somente interpretações.

O que Rolt identifica é que as ciências como interpretação da realidade, que por natureza são antipositivistas, apresentam novas formas de interpretar/compreender/explicar a realidade. Isso não significa que os pressupostos científicos da modernidade serão

³ Expressão em latim que significa "modo de operação", utilizada para designar uma maneira de agir, operar ou executar uma atividade seguindo geralmente os mesmos procedimentos.

desqualificados, a ideia aqui não é essa. Trata-se da liberdade que uma ciência deverá ter em caminhar para além ou aquém da modernidade. Como afirma Paviani, “se a ciência é um processo de investigação contínuo, seus enunciados só possuem validade e não verdade no sentido ontológico” (2013, p. 22).

Então, a Didática possui estatuto científico? Caso a resposta seja sim, será requerido uma definição sobre a singularidade dos fenômenos e teorias desse campo. Mas se a resposta for não, possivelmente será jogado fora a importância social da Didática nesse mundo de transformações. Como já foi dito, o ensino e a aprendizagem são complexos por si mesmo. Por exemplo, imagine a complexidade que existe nos seguintes aspectos: objetivo políticos e pedagógico, currículo, métodos, técnicas, recursos, avaliação, aluno, professor e o contexto. Cada aspecto gera uma imensidão de análises.

Nessa busca pelo estatuto científico da Didática ocorrem dois erros. O primeiro, como afirma Gadamer, seria “justificar as ciências humanas com a intenção expressa de torná-las iguais às ciências da natureza” (GADAMER, 2006, p. 38). Isso significa que os critérios epistemológicos que se propõem a julgar as ciências humanas são os mesmos que regem as ciências da natureza, fato motivado principalmente por uma atração pela objetividade científica. Porém, torna-se preciso observar o que afirma Röhr:

Se perguntarmos, por exemplo, ao físico o que é matéria, ao biólogo o que é vida, ao psicólogo o que é a psique, ao sociólogo o que é o social, ou até ao matemático o que é um número, não vamos receber respostas fundamentadas, em última instância, nem vamos perceber unanimidade entre os profissionais da área. É uma característica de todas as ciências precisar elaborar e reelaborar constantemente seus conceitos básicos. Inclusive, o próprio conceito de ciência tem que se submeter a esse processo, pois não existe uma forma científica de definir o que ela mesma é. A área que tradicionalmente se ocupa com a fundamentação das ciências é a Filosofia das Ciências e, ironicamente, a Filosofia é uma disciplina à qual mais frequentemente tem sido negado o status de ciência (RÖHR, 2007, p. 53).

O autor destaca que nem mesmo as chamadas ciências duras possuem clareza sobre os limites do seu objeto epistêmico, o que torna essa desenfreada busca por fundamentação e objetividade científica uma questão escolástica e tentativa de elevar autoestima do pesquisador.

O segundo erro consiste em insistir na interdisciplinaridade como uma forma de superar a insegurança epistemológica. Diante disso, é preciso compreender que um sociólogo quando trabalha no campo da educação, e de forma mais específica no campo da Didática,

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

aplica conceitos e métodos da sua ciência. Assim, as Ciências da Educação, tais como Psicologia, Sociologia, Filosofia, História e outras afins, possuem o seu valor na produção de conhecimentos sobre Educação, embora é preciso insistir na Didática como ciência que possui um campo e objeto de estudo bem definidos, a saber: o ensino como prática social complexa, o que requer um estudo minucioso desse fenômeno na busca por compreender seu funcionamento e função social.

Contra a ideia de objetividade, típico produto da modernidade, a Didática deve propor uma postura intelectual que dê conta das condições existenciais do ensino, pois esta ação necessariamente deve levar em consideração as mudanças proporcionadas pela dinâmica do tempo. A ideia aqui é que um ensino baseado somente nas teorias seria vazio, ao passo que um ensino que enfatiza somente a prática seria cego.

A construção do conhecimento é feita através do diálogo (maiêutica socrática), desenvolvendo uma verdade que não estava até então disponível, pois ela aparece ao olhar juntos e produzir um novo saber. É interessante destacar que a definição da essência do homem feita por Aristóteles como animal racional evidencia que o homem é dotado de razão. Entretanto, o termo razão (lógos) significa preferencialmente linguagem. Ou seja, o homem é um ser que pensa, mas também é um ser que fala. Por isso, “compreender o pensamento humano como uma operação mental ou como uma análise lógica implica silenciar a dimensão de historicidade do homem, que se realiza no horizonte da própria linguagem” (HERMANN, 2002, p. 64). Logo, a Didática deve marcar posição contra qualquer forma exclusivista de se chegar ao conhecimento, admitindo outra racionalidade em que o fundamento da verdade não está nem nos dados empíricos nem na verdade absoluta; antes,

[..] é uma racionalidade que conduz à verdade pelas condições humanas do discurso e da linguagem. Nosso conhecimento tem raízes na prática das relações pré-científicas que mantemos com as coisas e as pessoas. Isso significa que nosso saber mantém vínculos estreitos com o mundo prático, antes de desenvolver qualquer tematização. Estamos, assim, desde já inseridos num mundo que constitui o horizonte em que se realizam nossos processos compreensivos (HERMANN, 2002, p. 20).

É compreensível que “toda produção científica não devidamente justificada como tal perde seu valor e sua função” (PAVIANI, 2013, p. 120), entretanto, é importante destacar que a justificação epistêmica não evita a possibilidade de um determinado conhecimento ser falso. Contudo, o que é questionado aqui não é a busca pelo estabelecimento do objeto epistêmico da Didática, embora seja de identificar que a justificação da Didática através de critérios

epistemológicos cientificistas sempre será uma busca sem fim. Isso possui uma explicação simples: a lógica das ciências humanas é diferente da lógica das ciências da natureza/exatas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendeu-se neste trabalho compreender as dificuldades para o estabelecimento do objeto epistêmico da Didática diante que critérios epistemológicos cientificistas. Diante dos conceitos apresentados, foi possível definir a Didática como uma subárea da Pedagogia, embora com estatuto científico e epistemológico bem definidos e próprios, que tem como objeto de estudo o ensino como prática social complexa, onde investiga os fundamentos, modos e finalidades dos processos educativos visando a aprendizagem. Já a epistemologia, como área da filosofia, estuda os sentidos, razões, lógicas, princípios, hipóteses e resultados das diversas ciências.

Constatou-se que alguns caçadores positivistas procuram acusar certas ciências sob alegação de “falta” de rigor científico e metodológico, esquecendo que a ciência moderna não pode impor de forma ininterrupta um conhecimento cristalizado e universal. Paradoxalmente, o estabelecimento de uma ciência é uma construção histórica, pois os critérios que avaliam sua validade são distintos nas diferentes épocas e sociedades. Também, os esquemas gerais de investigação devem ser determinados ou validados pelos participantes do campo científico, que podem receber a denominação de especialistas.

Nessa busca pelo estatuto científico da Didática ocorrem dois erros: O primeiro consiste na identificação que os critérios epistemológicos que se propõem a julgar as ciências humanas são os mesmos que regem as ciências da natureza, fato motivado principalmente por uma atração pela objetividade científica. O segundo erro consiste em insistir na interdisciplinaridade como uma forma de superar a insegurança epistemológica. Portanto, a justificação da Didática, através de critérios epistemológicos cientificistas ou fundamentado em ciências duras, sempre será uma busca desnecessária e sem fim.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria (org.). **Rumo a uma nova Didática**. – 24. ed. – Petrópolis, SP: Vozes, 2014.

CASTAÑÓN, Gustavo. **Introdução à Epistemologia**. 2007. Disponível em: <http://joinville.ifsc.edu.br/~joyce.shimura/M%C3%93DULO%20VIII/Introdu%C3%A7%C3%A3o_a_Epistemologia-Gustavo-Casta%C3%B1on_2007_SP_EPU.pdf>. Acesso em: 13 set. 2017.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de. Et.al. **Didática e Docência: aprendendo a profissão**. – 4. ed. – Brasília, Liber Livre, 2014.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Didática e Pedagogia: da teoria de ensino à teoria da formação. In: FRANCO, Maria Amélia Santoro; PIMENTA, Selma Garrido. **Didática: embates contemporâneos**. – 3. ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. – 14. ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica** / organizador: Pierre Fruchon; tradução Paulo César Duque Estrada. – 3. ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

HERMANN, Nadja. **Hermenêutica e educação**. – Rio de Janeiro: DP&A, 2002

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. – 2. ed. – São Paulo: Cortez, 2013.

_____. **A Integração entre Didática e Epistemologia das Disciplinas: uma via para a renovação dos conteúdos da didática**, 2010. Disponível em: <http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/5146/material/ENDIPE_BH_Simposio_versao%20final%206.3.doc>. Acesso em: 20 nov, 2017.

_____. **Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente**. – 13. ed. – São Paulo: Cortez, 2011a.

_____. Antinomias na Formação de Professores e a Busca de Integração entre o Conhecimento Pedagógico-Didático e o conhecimento Disciplinar. In: MARIN, Alda Junqueira; PIMENTA, Selma Garrido. **Didática: teoria e pesquisa**. – 1. ed. – Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2015.

_____. **Didática e Epistemologia: para além do embate entre a didática e as didáticas específicas.** p. 15-16, 2008.

<<http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/5146/material/Salvador%20Cristina%20Revis%C3%A3o%20fe%202008.doc>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

_____. Educação: Pedagogia e Didática – o campo investigativo da pedagogia e da didática no Brasil: esboço histórico e buscas de identidade epistemológica e profissional. In: PIMENTA, Selma Garrido (org.). **Didática e Formação de Professores: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal.** – 6. ed. – São Paulo: Cortez, 2011b.

LIMA, Maria Socorro Lucena. Qual o Lugar da Didática no Trabalho do Professor? **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, Santos, v. 3, n. 5, p. 88-101, jan./jun. 2011.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo.** – São Paulo: EPU, 1986.

PAVIANI, Jayme. **Epistemologia Prática: ensino e conhecimento científico.** – 2. ed. – Caxias do Sul: Educs, 2013.

PILETTI, Claudino. **Didática Geral.** 23 ed. – São Paulo: Átila, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido (Coord.). **Pedagogia: ciência da educação?** – 6. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

_____. Epistemologia da Prática Ressignificando a Didática. In: FRANCO, Maria Amélia Santoro; PIMENTA, Selma Garrido. **Didática: embates contemporâneos.** – 3. ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. O Protagonismo da Didática nos Cursos de Licenciatura: a Didática como campo disciplinar. In: MARIN, Alda Junqueira; PIMENTA, Selma Garrido. **Didática: teoria e pesquisa.** – 1. ed. – Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2015.

ROLT, Da Clóvis. Pensar a Epistemologia das Ciências Sociais na Contemporaneidade: dilemas de uma ciência incerta. **Soc. E Cult.**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 435-442, jul/dez. 2011.

RÖHR, Ferdinand. Reflexões em torno de um possível objeto epistêmico próprio da Educação. **Revista Pro-Posições**, Campinas, v. 18, n. 1, p. 51-70, jan./abr. 2007.

THERRIEN, Jacques. Parâmetros de Pesquisa Científica do Pesquisador de sua Práxis Docente: articulando didática e epistemologia da prática. **XVII ENDIPE**, Fortaleza, CE, livro 4, p. 01-12, 2014. Disponível em: <<http://jacquestherrien.com.br/wp-content/uploads/2015/10/Pr%C3%A1xis-docente-par%C3%A2metros-de-an%C3%A1lise-cr%C3%ADtica-dessa-a%C3%A7%C3%A3o-profissional.pdf>>. Acesso em: 07 dez. 2017.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Ensino e Avaliação: uma relação intrínseca à organização do trabalho pedagógico. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Didática: o ensino e suas relações**. – 18. ed. –Campinas, SP: Papirus, 2012.